

ALEXIS JENNI

A arte francesa da guerra

Tradução

Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Éditions Gallimard

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

L'Art français de la guerre

Capa

Victor Burton

Fotos de capa

Xilogravura anônima, Imagerie d'Épinal, 1856 (capa);

Red Star Miniatures www.redstarminiatures.eu

redstarminiatures@gmail.com (quarta capa)

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Angela das Neves

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jenni, Alexis

A arte francesa da guerra / Alexis Jenni ; tradução Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: L'Art français de la guerre.

ISBN 978-85-359-2444-2

1. Ficção francesa I. Título.

14-02957

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura francesa 843

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Comentários I

A partida para o Golfo dos sipaios de Valence

O início de 1991 foi marcado pelos preparativos da Guerra do Golfo e pelo progresso da minha total irresponsabilidade. A neve cobriu tudo, bloqueando os trens, abafando os sons. No Golfo, felizmente a temperatura tinha caído, os soldados se escaldavam menos do que no verão, quando deram água no corpo, torso nu, sem tirar os óculos escuros. Oh! Aqueles lindos soldados do verão, quase nenhum deles morreu! Eles esvaziavam sobre a cabeça garrafas inteiras cuja água evaporava antes de cair no chão, escorrendo por sua pele e evaporando na mesma hora, formando em torno de seus corpos atléticos uma mandorla de vapor percorrida por arcos-íris. Dezesseis litros! era o que deviam beber por dia os soldados do verão, dezesseis litros! a tal ponto transpiravam sob seu equipamento naquele canto do mundo onde a sombra não existe. Dezesseis litros! A televisão divulgava números, e os números se fixavam como sempre se fixam os números: precisamente. O rumor propagava números que a gente se repetia antes do ataque. Porque esse ataque ia ser lançado contra o quarto exército do mundo, a Invencível Armada Ocidental ia se movimentar, em breve, e do outro lado os iraquianos se enterravam atrás dos arames farpados enrolados bem estreitamente, atrás das minas explosivas e dos pregos enferrujados, atrás de trincheiras cheias de petróleo que eles inflamariam no último momento, porque eles nem sabiam

o que fazer com tanto petróleo. A televisão dava detalhes, sempre precisos, os jornalistas vasculhavam os arquivos a esmo. A televisão emitia imagens de antes, imagens neutras que não traziam nenhuma informação; não se sabia nada do exército iraquiano, nada de sua força nem de suas posições, sabia-se apenas que era o quarto exército do mundo, sabia-se porque se repetia isso. Os números a gente grava porque são claros, a gente sempre se lembra deles, logo acredita neles. E a coisa durava, durava. Não se via mais o fim de todos esses preparativos.

No começo de 1991 eu quase não trabalhava. Ia ao trabalho quando estava sem ideias para justificar minha ausência. Ia a médicos que prescreviam absurdas licenças médicas sem sequer me ouvir, e eu ainda tratava de prolongá-las com um lento trabalho de falsário. À noite, à luz de um abajur, eu redesenhava os números ouvindo discos com fones de ouvido, meu universo reduzido ao círculo do abajur, reduzido ao espaço entre minhas duas orelhas, reduzido à ponta da minha esferográfica azul que lentamente me concedia tempo livre. Eu treinava no rascunho, depois com um gesto seguro transformava os sinais traçados pelos médicos. Com isso dobrava, triplicava o número de dias em que podia ficar no aconchego, ficar longe do trabalho. Nunca soube se bastava modificar os sinais para mudar a realidade, refazer números com a esferográfica para escapar de tudo, não me perguntava nunca se aquilo podia ser marcado em outra folha que não a da receita, mas pouco importa; onde eu estava trabalhando tudo era tão mal organizado que às vezes, quando eu não ia, eles nem percebiam. Quando voltava na manhã seguinte, notavam minha presença tanto quanto nos dias em que eu não ia; como se a ausência não fosse nada. Eu faltava, e minha falta não era vista. Então ficava na cama.

Uma segunda-feira do início de 1991 soube ouvindo o rádio que Lyon estava paralisada pela neve. As nevascas da noite haviam cortado os cabos, os trens estavam parados na estação, e aqueles que tinham sido surpreendidos na rua se cobriam com edredons brancos. As pessoas que estavam abrigadas procuravam não entrar em pânico.

Aqui, no Escout, caíam apenas alguns flocos, mas lá nada se movia, salvo as grandes máquinas de remover a neve, seguidas por uma fila de carros que avançavam lentamente, e os helicópteros que levavam socorro às localidades isoladas. Fico todo feliz por ser uma segunda-feira, porque aqui eles não sabiam o que era a neve, fariam uma montanha com ela, uma misteriosa catás-

trofe com base nas imagens que a tevê passava. Telefonei para o meu trabalho situado a trezentos metros e inventei que estava a oitocentos quilômetros dali, naquelas colinas brancas que os telejornais mostravam. Eu era de lá, do Ródano, dos Alpes, eles sabiam, às vezes voltava para passar um fim de semana, eles sabiam, mas não sabiam o que eram montanhas, nem neve, tudo batia, não havia razão para que eu não estivesse retido como todo mundo.

Depois fui à casa da minha namorada, que morava em frente à estação ferroviária.

Ela não se espantou, me esperava. Ela também tinha visto a neve, os flocos pela janela e as borrascas no resto da França na tevê. Ela havia telefonado para o seu trabalho, com a voz frágil que era capaz de usar no telefone: dissera que estava doente, com aquela gripe severa que assolava a França e de que falavam na televisão. Não podia ir hoje. Quando abriu para mim ainda estava de pijama, eu me despi e nos deitamos na sua cama, a salvo da tempestade e da doença que assolavam a França, das quais não havia motivo, nenhum motivo mesmo, para que fôssemos poupados. Éramos vítimas, como todo mundo. Fizemos amor tranquilamente, enquanto lá fora um pouco de neve continuava a cair, a flutuar e aterrissar, floco após floco, sem pressa de chegar.

Minha namorada morava num estúdio, uma sala e uma alcova, e uma cama na alcova ocupava todo o espaço. Eu me sentia bem junto dela, enrolado no seu edredom, nossos desejos aplacados, estávamos bem no calor tranquilo de um dia sem horas e sem ninguém saber onde estávamos. Eu me sentia bem no quentinho do meu canto roubado, com ela que tinha olhos de todas as cores, que eu gostaria de desenhar com lápis verde e azul num papel marrom. Eu gostaria, mas desenhava tão mal, e no entanto só o desenho poderia reverenciar seus olhos de uma luz maravilhosa. Dizer não basta; mostrar é necessário. A cor sublime de seus olhos escapava do dizer sem deixar rastros. Era preciso mostrar. Mas mostrar não se improvisa, como provavam as estúpidas televisões todos os dias do inverno de 1991. O aparelho estava posto na altura da cama e podíamos enxergar a tela empilhando os travessieiros para elevar nossa cabeça. À medida que secava, o esperma puxava os pelos das minhas coxas, mas eu não tinha a menor vontade de entrar no chuveiro, fazia frio no recinto do banheiro, e eu me sentia bem junto dela, e víamos televisão enquanto esperávamos que o desejo voltasse.

O grande assunto da tevê era a Desert Storm, Tempestade no Deserto,

um nome de operação tomado emprestado de *Guerra nas estrelas*, concebido pelos roteiristas de um estúdio especializado. Ao lado saltitava a operação francesa Daguet, com seus meios limitados. Daguet é o nome do veadozinho um pouco crescido, Bambi apenas púbere cujos primeiros cornos despontam, ele saltita, nunca fica longe de seus pais. Aonde será que os militares vão buscar esses nomes? Daguet, quem conhece essa palavra? Deve ter sido um oficial graduado que a propôs e que pratica a caçada nas terras da família. Desert Storm todo mundo compreende, de um extremo ao outro da Terra, estala na boca, explode no coração, é título de video game. Daguet é elegante, provoca um sorriso sutil entre os que compreendem. O exército tem sua língua, que não é a língua comum, e isso é meio perturbador. Os militares na França não falam, ou falam entre si. Chega-se a rir deles, empresta-se a eles uma burrice profunda que dispensaria palavras. O que eles nos fizeram para os desprezarmos assim? O que fizemos para que os militares vivam assim entre si?

O exército na França é um tema que incomoda. Não se sabe o que pensar desses tipos, e principalmente o que fazer com eles. Eles nos perturbam com seus quepes, com suas tradições regimentais de que não gostaríamos de saber, e com suas custosas máquinas que escorcham os impostos. O exército na França é mudo, obedece ostensivamente ao chefe das Forças Armadas, esse civil eleito que não entende patavina do assunto, que cuida de tudo e deixa o exército fazer o que bem entende. Na França não sabemos o que pensar dos militares, não ousamos nem mesmo empregar um possessivo que deixe pensar que eles são *nostros*: ignoramos, temos medo, caçoamos deles. Vivemos nos perguntando por que eles fazem isso, essa profissão impura tão próxima do sangue e da morte; desconfiamos de complôs, de sentimentos malsãos, de enormes limitações intelectuais. Preferimos que fiquem afastados, entre si em suas bases fechadas do sul da França, ou então percorrendo o mundo para vigiar as migalhas do Império, passeando no ultramar como faziam antes, de farda branca com seus dourados, em grandes navios limpinhos que brilham ao sol. Preferimos que estejam longe, que sejam invisíveis; que não nos digam respeito. Preferimos que deixem sua violência ir para alhures, para esses territórios distantes povoados de gente pouco parecida conosco, que mal são gente.

É tudo o que eu pensava do exército, isto é, nada; mas eu pensava como aqueles, como todos aqueles que eu conhecia; isso até a manhã de 1991, quan-

do eu só deixava emergir do edredom meu nariz e meus olhos para espiar. Minha namorada aconchegada contra mim acariciava suavemente minha barriga e víamos na tela ao pé da cama o início da terceira guerra mundial.

Víamos a rua do mundo, cheia de gente, preguiçosamente debruçados na janela da tevê analógica, instalados na feliz tranquilidade que sucede ao orgasmo, que permite ver tudo sem pensar no ruim nem em nada, que permite ver televisão com um sorriso pairando por todo o tempo em que se desenrola o fio da programação. O que fazer depois da orgia? Ver televisão. Ver as notícias, ver a máquina fascinante que fabrica o tempo leve, de isopor, sem peso nem qualidade, um tempo de síntese que preencherá o melhor possível o que resta do tempo.

Durante os preparativos para a Guerra do Golfo, e depois, quando ela se desenrolou, vi coisas estranhas; o mundo inteiro viu coisas estranhas. Vi muito porque não saía do nosso casulo de Hollofil, esse maravilhoso têxtil da Du Pont de Nemours, essa fibra de poliéster de canal simples que recheia os edredons, que não amassa, que mantém a gente no quentinho, muito melhor do que as penas, bem melhor do que os cobertores, novo material que permite finalmente — verdadeiro progresso técnico — a gente ficar um tempão na cama e não sair mais; porque era inverno, porque eu estava em plena irresponsabilidade profissional e não fazia nada mais que ficar deitado junto da minha namorada, vendo televisão enquanto aguardávamos que nosso desejo voltasse. Mudávamos a capa do edredom quando nosso suor a deixava grudenta, quando as manchas do esperma que eu lançava em grande quantidade — é o caso de dizer: “a torto e a direito” — secavam e tornavam o tecido áspero.

Eu vi, debruçados na janela, israelenses no concerto com uma máscara de gás no rosto, só o violinista não usava, e continuava tocando; vi o balé das bombas acima de Bagdá, o feérico fogo de artifício verde, e assim fiquei sabendo que a guerra moderna se desenrola numa luz de telas de tevê e de monitores; vi a silhueta cinzenta e pouco definida de prédios se aproximarem tremendo e depois explodirem, inteiramente destruídos por dentro com todos os que estavam em seu interior; vi grandes B52 com asas de albatroz saírem de sua embalagem do deserto do Arizona e levantar voo de novo, carregando bombas pesadíssimas, bombas especiais conforme os usos; vi mísseis voar rente ao solo desértico da Mesopotâmia e procurar sozinhos seus alvos com um longo latido de motor deformado pelo efeito Doppler. Vi tudo isso sem

sentir o ar que eles sopravam, apenas na tevê, como um filme de ficção meio malfeito. Mas a imagem que mais me deixou estupefato no início de 1991 foi muito simples, com certeza ninguém se lembra mais dela, e ela fez desse ano, 1991, o último ano do século xx. Eu assistia no telejornal à partida para o Golfo dos sipaios de Valence.

Aqueles jovens tinham menos de trinta anos, e suas jovens esposas os acompanhavam. Elas os beijavam diante das câmeras, carregando criancinhas que em sua maioria ainda não estavam na idade de falar. Abraçavam-se ternamente, aqueles jovens musculosos e aquelas jovens bonitas, e depois os sipaios de Valence subiam em seus caminhões cor de areia, seus VAB, seus Panhard com pneus. Não se sabia então quantos voltariam, não se sabia então que essa guerra não faria mortos do lado do Ocidente, quase nenhum, não se sabia então que o peso da morte seria suportado pelos outros incontáveis, pelos outros sem nome que povoam as terras quentes, assim como o efeito dos poluentes, o avanço do deserto, o pagamento da dívida; então a voz em off se entregava a um comentário melancólico, nos entristecíamos juntos com a partida dos nossos jovens para uma guerra distante. Eu estava estupefato.

Essas imagens são banais, a gente sempre vê nas televisões americana e inglesa, mas foi a primeira vez, em 1991, que vimos na França soldados partirem apertando contra si a mulher e os filhinhos; a primeira vez desde 1914 que mostravam militares franceses como pessoas cuja dor podíamos compartilhar e que poderiam nos deixar saudade.

O mundo girou bruscamente um grau, tive um sobressalto.

Ergui-me na cama, fiz sair do edredom mais que meu nariz. Fiz sair minha boca, meus ombros, meu torso. Eu precisava me sentar, precisava enxergar bem, porque assistia na tevê analógica — fora do entendimento, mas à vista de todos — a uma reconciliação pública. Recolhi minhas pernas, envolvi-as com meus braços e, o queixo apoiado nos joelhos, continuei a olhar para aquela cena fundadora: a partida para o Golfo dos sipaios de Valence; e alguns deles enxugavam uma lágrima antes de subir em seu caminhão cor de areia.

No início de 1991, não acontecia nada: preparava-se a Guerra do Golfo. Condenados à palavra sem nada saber, os canais de televisão praticavam o lero-lero. Eles produziam um fluxo de imagens que não continha nada. Interrogavam especialistas que improvisavam especulações. Difundiam arquivos,

os que restavam, os que nenhum serviço havia censurado, e isso acabava com planos fixos do deserto enquanto o comentário citava números. Inventavam. Romanceavam. Repetiam os mesmos detalhes, procuravam novos ângulos para repetir a mesma coisa sem que ela cansasse. Repisava-se.

Acompanhei tudo isso. Assisti à torrente de imagens, deixei-me atravessar por elas; acompanhei seus contornos; ela escoava ao acaso, mas sempre na mesma linha; no início de 1991 eu estava disponível a tudo, me ausentava da vida, não tinha nada mais a fazer senão ver e sentir. Passava o tempo deitado, no ritmo do rebrotar do meu desejo e da sua messe regular. Talvez ninguém mais se lembre da partida para o Golfo dos sipaios de Valence, salvo eles que partiram e eu que via tudo, porque no inverno de 1991 não acontecia nada. Comentava-se o vazio, enchia-se o vazio de vento, esperava-se; não aconteceu nada salvo isto: o exército voltava ao corpo social.

Podemos nos perguntar onde ele pode ter estado esse tempo todo.

Minha namorada se espantou com meu súbito interesse por uma guerra que não acontecia. Na maioria das vezes eu afetava o tédio leve, um distanciamento irônico, um gosto pelos frêmitos do espírito, que eu achava mais seguros, mais repousantes, muito mais divertidos do que o peso por demais sufocante do real. Ela me perguntou o que eu espiava assim.

— Gostaria de dirigir uma dessas máquinas enormes — falei. — As cor de areia com as rodas dentadas.

— Isso é coisa de garotinho, e você não é mais um garotinho. Não mesmo — ela acrescentou, pondo sua mão em mim, bem ali, naquele belo órgão que vive para si próprio, que é dotado de um coração para si próprio e portanto de sentimentos, de pensamentos e de movimentos que lhe são próprios.

Não respondi nada, não tinha certeza, e me deitei de novo junto dela. Estávamos legalmente doentes e detidos pela neve e assim, ao abrigo, tínhamos para nós o dia todo, e a noite seguinte, e o próximo dia; até o esgotamento do fôlego e o desgaste de nossos corpos.

Naquele ano, pratiquei um absenteísmo laboral maníaco. Só pensava, noite e dia, nos meios de tapear, de me esquivar, de tirar o corpo fora, de me esconder num canto escuro enquanto os outros andavam na linha. Destruí em alguns meses tudo o que eu pude possuir de ambição social, de consciência profissional, de atenção ao meu cargo. Desde o outono, eu tinha me aproveitado do frio e da umidade, que são fenômenos naturais, logo indiscutíveis:

um arranhar na garganta bastava para justificar uma licença médica. Eu faltava, descuidava das minhas obrigações, e nem sempre ia ver minha namorada.

O que eu fazia? Andava pelas ruas, ficava nos cafés, lia na biblioteca pública obras de ciências e de história, fazia tudo o que pode fazer, na cidade, um homem sozinho que não se preocupa em voltar para casa. E na maioria das vezes, nada.

Não tenho lembranças desse inverno, nada organizado, nada a contar, mas quando ouço na France Info a vinheta dos flashes informativos, mergulho em tal estado de melancolia que percebo que devo ter feito unicamente isto: esperar no rádio as notícias do mundo, que chegavam a cada quinze minutos como as batidas de um relógio grande, relógio do meu coração que naqueles dias batia tão lentamente, relógio do mundo que ia sem hesitar rumo ao pior.

Houve um remanejamento na direção do meu trabalho. O sujeito que me dirigia só pensava numa coisa: sair da firma; conseguiu. Encontrou outra coisa, deixou seu cargo, e veio outro, que tinha a intenção de ficar, e pôs ordem no setor.

A competência duvidosa e o desejo de cair fora do chefe anterior tinham me protegido; me estrepei por causa da ambição e do uso da informática do sujeito que entrou. O espertalhão que saiu nunca tinha me dito nada, mas havia anotado todas as minhas faltas. Numas fichas, marcava as presenças, os atrasos, o rendimento; tudo o que podia ser mensurável ele tinha guardado. Isso o ocupava enquanto pensava em cair fora, mas não dizia nada. Esse obsessivo deixou seu arquivo; o ambicioso que veio era feito um matador de custos. Toda informação podia servir; ele se apoderou dos arquivos e me demitiu.

O software Evaluaxe representou minha contribuição à empresa por meio de curvas. A maioria destas estagnava rente ao eixo das abscissas. Uma — em vermelho — se elevava, subia em dente de serra desde os preparativos para a Guerra do Golfo e se mantinha bem alta. Mais embaixo, a horizontal em pontinhos da mesma cor assinalava a norma.

Ele bateu no monitor com um lápis cuidadosamente apontado, daqueles com borracha, que nunca utilizava para escrever, só para designar o monitor e insistir em certos pontos batendo. Diante de tais ferramentas, diante

de um arquivo meticuloso, diante de um gerador de curvas tão indiscutíveis, minha prática com a esferográfica para maquiagem as palavras do doutor não valia nada. Eu era, visivelmente, um colaborador fraco.

— Olhe o monitor. Eu deveria mandar o senhor embora por justa causa.

Ele continuava a bater nas curvas com sua borracha, parecia pensar, aquilo fazia um barulho de bola de borracha prisioneira de uma tigela.

— Mas pode haver outra solução.

Contive a respiração. Passei do marasmo à esperança; ninguém gosta de ser posto na rua, mesmo que não esteja nem aí.

— Por causa da guerra, a conjuntura se degradou. Temos de nos separar de uma parte do pessoal, o que faremos de acordo com todos os procedimentos. Você vai fazer parte da turma.

Aquiesci. Que mais tinha eu a responder? Olhei para os números na tela. Os números traduzidos em formas mostravam muito bem o que ele queria mostrar. Eu via minha eficácia econômica, era indiscutível. Os números atravessam a linguagem sem sequer se dar conta da sua presença; os números nos deixam calados, boca aberta, garganta aflita em busca de oxigênio no ar rarefeito das esferas matemáticas. Aquiesci com um monossílabo, estava contente com que ele me demitisse de acordo com os procedimentos, e não como um pilantra. Ele sorriu, fez um gesto com as mãos abertas; parecia dizer: “Ora, não é nada... Não sei por que faço. Mas vá embora rápido antes que eu mude de ideia”.

Saí recuando, fui embora. Mais tarde soube que ele fazia esse número com todos os que demitia. Propunha a cada um o esquecimento das faltas em troca de uma demissão negociada. Em vez de protestar, todos agradeciam. Nunca houve um plano social mais calmo: um terço do pessoal se levantou, agradeceu e saiu; e isso foi tudo.

Atribuíram esses reajustes à guerra, porque as guerras têm tristes consequências. Não podemos fazer nada, guerra é guerra. Não podemos impedir a realidade.

Na mesma noite juntei meus bens em caixas de papelão que peguei no minimercado e decidi voltar para o lugar de onde eu vinha. Minha vida era tão chata então que eu podia levá-la em qualquer lugar. Eu gostaria de ter uma outra vida, mas sou o narrador. Não dá para o narrador fazer tudo: ele já narra. Se eu precisasse, além de narrar, viver, não daria conta. Por que tantos

escritores falam da sua infância? É que eles não têm outra vida: o resto, eles passam escrevendo. A infância é o único momento que eles viveram sem pensar em outra coisa. Daí em diante, eles escrevem, e isso toma todo o seu tempo, porque escrever utiliza tempo assim como bordar utiliza fio. E fio a gente só tem um.

Minha vida é chata e eu narro; o que eu gostaria era de mostrar; e para isso, desenhar. É isto que eu gostaria: que minha mão se agitasse e que isso bastasse para que se veja. Mas desenhar requer uma habilidade, um aprendizado, uma técnica, enquanto narrar é uma função humana: basta abrir a boca e deixar o ar sair. Eu tenho de respirar, e falar é a mesma coisa. Então eu narro, ainda que a realidade sempre escape. Uma prisão de ar não é muito sólida.

Lá, eu havia admirado a beleza dos olhos da minha namorada, aquela de que eu era tão próximo, e tinha tentado pintá-los. “Pintar” é uma palavra adaptada à narração, e também à minha incompetência de desenhista: eu a pinte e o resultado foram só borrões. Pedi para ela posar de olhos abertos e olhar para mim enquanto meus lápis de cores densas se agitavam no papel, mas ela desviava o olhar. Seus olhos tão lindos se embaçavam e ela chorava. Não merecia que eu olhasse para ela, dizia, muito menos que a pintasse, ou desenhasse, ou representasse, ela me falou da irmã, que era muito mais bonita, com olhos magníficos, um peito de sonho, desses que esculpiam na proa dos barcos, já ela... Eu tinha de largar meus lápis, tomá-la em meus braços e acariciar suavemente seus seios, tranquilizando-a, enxugando seus olhos, repetindo tudo o que eu sentia a seu contato, a seu lado, ao vê-la. Meus lápis largados sobre meu desenho inacabado não se mexiam mais, e eu narrava, narrava, quando queria mostrar, eu penetrava no labirinto da narração quando queria apenas mostrar como era, e eu estava condenado sem cessar à narração, para consolo de todos. Nunca consegui desenhar seus olhos. Mas me lembro do meu desejo de fazê-lo, um desejo de papel.

Minha vida chata podia se deslocar. Sem nada que me prendesse, obedeci às forças do hábito que agem como a gravitação. O Ródano que eu conhecia calhava melhor para mim, finalmente, do que o Escaut, que eu não conhecia. Finalmente, isto é, enfim, isto é, ao fim. Voltei a Lyon para acabar com aquilo.